

A IMPORTÂNCIA DO USO DE MAPA TÁTIL NO ENSINO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA MUNICIPAL DA IPUTINGA EM RECIFE – PE

Maria Vitória da Silva Felipe (1)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE)
mvitoriafelipe@gmail.com

Marinalva Edite Bezerra (2)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE)
maribezerra0947@gmail.com.br

Marcelo Ricardo Bezerra de Miranda (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE)
marcelomiranda@recife.ifpe.edu.br

1. Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre como está sendo desenvolvido o ensino de Geografia com os estudantes com deficiência visual nos anos iniciais do ensino fundamental, como também, sobre a formação docente necessária para lecionar estudantes com esse tipo de especificidade. A inclusão de estudantes com deficiência na escola regular tem sido tema de grandes discussões no âmbito educacional, por isso é necessário que a escola como um todo, se prepare para receber estes estudantes a fim de ajudá-los no processo de aprendizagem. O atendimento especializado para estudantes com deficiência visual/cegueira-baixa visão deve ocorrer basicamente por meio de recursos adaptados, os quais possibilitem e potencializem os diferentes meios de acesso ao conhecimento, respeitando as necessidades de cada estudante. Este estudo está sendo realizado por meio de pesquisas bibliográficas e pela prática aplicada a partir de mapas adaptados para leitura tátil visando contribuir para melhor entendimento sobre a prática educativa com estudantes cegos. Os resultados do estudo apontam para a importância que o recurso perfeitamente adaptado tem no desenvolvimento educacional e social das crianças com deficiência visual, que ficariam equiparadas às crianças videntes referente a apropriação do conhecimento. Referente aos docentes verificou-se que as deficiências apresentadas na prática educativa é consequência da falta de preparação na faculdade e de orientação e instrumentação adequada não ofertada pelas redes de ensino aos quais estão vinculadas.

Palavras-chave: Mapa Tátil; Deficiência Visual; Formação de professores.

2. Introdução

O presente estudo é fruto do projeto de extensão intitulado “Adaptação de mapas no ensino de Geografia para estudantes com deficiência visual em escolas de Recife”. Que visa desenvolver mapas adaptados sensorialmente para o estudo de Geografia do ensino fundamental ministrado para estudantes com deficiência visual.

Ao realizarmos esse estudo verificamos que a realidade de ensino de Geografia para estudantes com Deficiência Visual - DV, nas escolas da cidade de

Recife, apresenta as mesmas dificuldades que muitos estudos sobre o tema apresentaram que é a desigualdade de condições entre os estudantes com DV e os com visão. A ausência de mapas adaptados para a leitura tátil desfavorecia os estudantes sem a visão.

Considerando que educar envolve desafios constantes, principalmente, quando analisado os aspectos pedagógicos no ensino da criança com deficiência. Diante da realidade da atual política de inclusão desenvolvida como condição para educação de pessoas com algum tipo de limitação cognitiva ou motora, vemos na grande maioria dos casos, que essa atividade é realizada por professor despreparado e por escolas aceitando a criança apenas pelo cumprimento dos dispositivos legais, mas ignorando os princípios norteadores de uma Educação Inclusiva.

Diante dessa situação, desenvolvemos a adaptação de alguns mapas escolhidos pelos docentes que atuam com crianças com DV. O objetivo é verificar a eficácia, e eventual, melhoria da aprendizagem desses estudantes em Geografia, considerando o uso do recurso correto e perfeitamente adaptável a identidade desses cidadãos. Em outro momento, também traçamos um paralelo entre a prática docente entre as aulas sem esses recursos e depois de serem assistidos com os recursos adequados, visando verificar se eles se sentem estimulados a desenvolverem futuros recursos adaptados.

3. Fundamentação Teórica

a. A situação da inclusão do estudante com DV

A educação é sempre vista como desafio na formação de qualquer cidadão, se esse apresentar alguma deficiência, esse desafio aumenta exponencialmente. Sá et. al. (2007) afirma, por exemplo, que a falta da visão desperta curiosidade, interesse, inquietações e não raro provoca grande impacto no ambiente escolar. Costuma ser abordada de forma pouco natural e pouco espontânea porque os professores não sabem como proceder em relação aos estudantes com DV. Eles manifestam dificuldade de aproximação e de comunicação, não sabem o que fazer e como fazer. Nesse caso, torna-se necessário quebrar o tabu, dissipar os fantasmas, explicitar o conflito e dialogar com a situação. Somente assim será possível assimilar novas atitudes, procedimentos e posturas (ALMEIDA, 1991).

Para que a inclusão se efetive, é necessário que ocorra algumas mudanças tanto na parte da infraestrutura, quanto pedagógica, pois as crianças com deficiência não necessitam apenas de um espaço adequado, mas também de recursos pedagógicos específicos e professores qualificados, assegurados pela Política Nacional de

Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007).

A inclusão de estudantes com DV na rede pública de ensino tem sido questão de discussão entre muitos professores, pois eles afirmam não terem recebido em seus currículos, o preparo adequado para trabalhar com estes estudantes. Mantoan (2003) ressalta que, ensinar atendendo as diferenças não resulta em mudar a maneira de ensinar a criança com deficiência, mas sim de adotar uma nova proposta pedagógica integradora, a qual atenda as diferenças de todos os estudantes, porém, isso depende o abandono das condições de um ensino transmissivo, o qual leva o sujeito a copiar sempre um modelo posto pelo sistema educacional, mas procurar metodologias que contribuam com a aprendizagem dos estudantes.

Os estudantes com DV não são diferentes dos demais colegas videntes, eles também têm o mesmo desejo de brincar, aprender, se comunicar, de saber algo sobre o que lhe deixa curioso. E para isso, é necessário que o ambiente em que ele esteja inserido seja estimulador, que lhe ofereça condições favoráveis para a sua aprendizagem (ROMAGNOLLI, 2008). Desse modo, é de fundamental importância que o professor esteja capacitado para trabalhar com estudantes com DV, e a estes que sejam garantidos a adequação dos meios de comunicação e os materiais fundamentais as suas necessidades educacionais e ao seu desenvolvimento na aprendizagem. Com a utilização de recursos didáticos adequados, haverá uma facilidade de aprendizado dos estudantes cegos ou com baixa visão, o que torna esse método de fundamental importância, pois assim estimulam motivação para aprender.

Segundo Miranda (2008), o despreparo do professor para trabalhar com pessoas com deficiência ocorre desde a sua formação inicial, o que tem levado muitos docentes a recorrer à formação continuada através de educação à distância ou até mesmo por meio de cursos, oficinas, congressos, a fim de tentar preencher essas lacunas existentes em sua formação.

b. A importância do mapa na representação do espaço e a necessidade de adaptação para leitura tátil no ensino de estudantes com DV

No ensino de Geografia, muitos professores enfrentam problema com a representação geográfica. O assunto já foi estudado por diferentes autores, como Pimenta e Carvalho (2008, p. 1), para quem essa prática exige “[...] um instrumental específico para a construção de conceitos que precisam ser tratados de forma diferenciada das demais disciplinas”. Para Almeida e Passini (1991) os mapas são, basicamente, as ferramentas da Geografia codificada para utilização de representação do espaço real.

Pimenta e Carvalho (2001, p. 2) explicam que a representação cartográfica e a leitura de mapas exigem “[...]”

habilidades e competências relacionadas ao caráter procedimental que perpassam outras áreas do conhecimento, sendo necessário o desenvolvimento de estratégias específicas para a apresentação destes conteúdos”. Por isso Francischett e Marchesan (2014, p. 2), ressaltam que o mapa, mais que é uma representação cartográfica do espaço, constitui “[...] um recurso mediático entre a realidade e o leitor da realidade espacial, [...] e oferece possibilidades de compreensão das dimensões significativas do espaço geográfico representado”.

Para Regis et al. (2011, p. 588), “[...] os mapas são mais do que simplesmente recursos didáticos utilizados para ensinar e aprender Geografia, eles são parte dessa disciplina. Enquanto o objetivo da Geografia é descrever, analisar e interpretar o espaço geográfico, os mapas o representam. De acordo com Simielli (2007), o ensino da Cartografia possibilita ao aluno, desenvolver aspectos técnicos usados na construção dos mapas que serão determinantes na compreensão da representação do espaço.

O desenvolvimento e o aprimoramento de representações gráficas táteis tornaram-se indispensáveis para o enquadramento das relações espaciais e para a compreensão do papel das pessoas na sociedade em que vivem (PIMENTA e CARVALHO, 2008). Para as pessoas com deficiência visual as informações transmitidas por outros sentidos são de importância vital, pois o mundo delas é um mundo de diferentes texturas, temperaturas, sons e aromas (ALMEIDA, 2007). Neste caso, para as pessoas cegas, perceber o espaço geográfico, será possível a partir do uso das mãos.

A Cartografia Tátil se constituiu em um ramo específico da cartografia, que se ocupa da confecção de mapas e outros produtos cartográficos que possam ser lidos por pessoas cegas ou com baixa visão (LOCH, 2008). Ao desenvolver essa adaptação será utilizado um método baseado em técnicas de tecnologia assistiva e de acessibilidade que garanta o direito de aprendizagem dos estudantes cegos.

Para a efetivação desse recurso, que são os mapas táteis, os docentes deverão promover meios para essa adaptação da leitura tátil, sendo muito importante utilizar elementos que facilite a sensibilidade e os estudantes possam distinguir os materiais, assim, é recomendável que se utilize mapas com elementos de baixo custo produzidos a partir de: tecido, papel, isopor, cortiça, fios, linhas, miçangas, espuma, papel machê, etc.

A partir desse entendimento, o estudo de monitoramento da adaptação e uso de mapa tátil no ensino de Geografia para os estudantes da Escola Municipal da Iputinga foi efetivado visando estabelecer o atendimento dessas competências para os estudantes com DV, além, de

oportunizar aos docentes das escolas que atendem estudantes com DV uma prática pedagógica eficiente e capaz de garantir o cumprimento de uma plena educação cidadã.

4. Metodologia

Considerando o ponto de vista da natureza, se trata de uma pesquisa aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para aplicações práticas dirigidas à solução de problemas específicos verificados no campo que está sendo analisado. E quanto ao ponto de vista dos procedimentos técnicos, será pesquisa participativa, uma vez que será desenvolvida pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas nas escolas de Recife com atendimento de estudantes com Deficiência Visual - DV.

O desenvolvimento das atividades foi iniciado com a escolha da escola que seria o campo desse estudo. Procuramos escolas na cidade de Recife que atendia estudantes com DV, de maneira que essa contribuição se tornasse numa compensação para a sociedade. Após visitar a Gerência de Assistência Educacional Especial da cidade do Recife, obtivemos uma lista com a relação de escolas e decidimos pela Escola Municipal da Iputinga por ter maior número de estudantes DV.

Após escolhida a escola, passamos a entrevistar os docentes para identificar quais mapas são frequentemente utilizados e depois promovemos a adaptação para leitura tátil, produzidos com os materiais previamente selecionados. Posteriormente, entregamos aos docentes das turmas para que esses passem a utilizá-los com os estudantes com DV.

5. Resultados e discussões

Primeiramente, é importante destacar que a educação escolar oferecida pela rede pública na cidade de Recife, não difere dos problemas enfrentados pelos demais municípios, que é o desafio em relação à obtenção da qualidade do ensino mediante a diversidade e especificidade característica de uma sociedade complexa, como a nossa. Visto que, mesmo sendo de conhecimento de todos que a qualidade da educação é direito comum, verifica-se que isso não acontece, principalmente, se o estudante tiver algum tipo de deficiência.

Foi verificado que na Escola Municipal da Iputinga, em Recife, não há nenhum mapa adaptado para a leitura tátil, situação problemática, considerando a quantidade de estudantes com deficiência visual e com baixa visão. Considerando essa situação muito dos verificados é resultado do despreparo do docente que afirmaram não ter nenhuma formação adequada enquanto estavam na faculdade.

Embora, todos os docentes entrevistados tenham estudantes com deficiência visual, auditiva, mental e motora. Entendemos que o papel docente deve acompanhar o desenvolvimento dos alunos, incentivando sua participação na aula, a fim de favorecer a construção coletiva do conhecimento sem negligenciar a atenção individualizada, sendo que, conhecer as necessidades e potencialidades de cada um, a partir de uma ação pedagógica eficaz, torna possível a aprendizagem desses educandos.

Até o presente momento foi possível efetuar a sensibilização para com os docentes sobre ações possíveis e um debate sobre os seus ideais e aprendizado sobre exercer a profissão para com essas novas visões e integrações, iniciando então uma nova perspectiva de ensino e uma sensibilização da importância de efetivamente saber como lidar com as diferenças em sala de aula, tratando de forma igualitária a todos os alunos, sem nenhuma distinção, criando então uma aura mais integrada e dando mais conforto aos alunos portadores de DV, criando então um cotidiano escolar mais dinâmico para os alunos envolvidos.

O direito ao acesso às escolas em ensino regular aos alunos com deficiência visual levou a ruptura de paradigmas. No entanto, é notável as dificuldades na realização do direito à acessibilidade; são encontrados diversos problemas como o despreparo dos profissionais, a não aceitação familiar, estrutura física não adaptada das instituições, falta de material didático específico, entre outros.

Dessa forma o estudo teve como propósito a realização de melhorias das práticas didático-pedagógicas pensadas dentro da perspectiva da inclusão, mais diretamente com a confecção de mapas tátil sensorialmente ao ensino da Geografia. O estudo tem como enfoque o uso do recurso didático como ferramenta do processo de ensino/aprendizagem aos DVs e videntes, além de agregar conhecimento/habilidade para nossa formação profissional. Estamos ainda com o estudo em continuidade, realizando mais alguns mapas, que constará e verificação para construção do álbum.

A inclusão só resultará em sua plenitude quando todos tiverem iguais condições de acesso e pessoas com deficiências forem estimuladas através de suas potencialidades e singularidade, mas antes de tudo respeitadas.

6. Referências

ALMEIDA, Rosângela D.; PASSINI, Elza Y. O espaço geográfico: ensino e representações. São Paulo: Contexto, 1991.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi; MARCHESAN, Mateus Pires. Leitura e Mediação do Mapa no Livro Didático de Geografia. Sem data de publicação.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Portaria no 948, de 09 de Outubro de 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 03 de agosto de 2017

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. PRIETO, Rosângela Gavioli. ARANTES, Valéria Amo São Paulo: Moderna, 2003.

MIRANDA, Therezinha Guimarães. Formação Docente Continuada: uma exigência frente à proposta da educação inclusiva. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos et al. Práticas Inclusivas no Sistema de Ensino e em outros contextos. EDUFRN. Natal, 2008. ISBN 978-85-7273-492-9.rim (org). Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

PIMENTA, Sonia de Almeida; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. Didática e ensino de Geografia: elementos para o ensino de Geografia (orientação e representação cartográfica). Publicado em 2008. Disponível em http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Didatica_Ensino_Geografia/Di_En_Geo_A07_JMZ_GR_291208.indd.pdf. Acesso em: 28/5/2016.

REGIS, Tamara de Castro; CUSTÓDIO, Gabriela Alexandre; NOGUEIRA, Ruth Emilia. Materiais didáticos acessíveis: mapas táteis como ferramenta para a inclusão educacional. Publicado no VII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares. Imaginação e Inovação: desafios para a cartografia escolar. Vitória – ES, 2011. Disponível em http://www.labtate.ufsc.br/images/vii_coloquio_cartografia_crianças_escolares_2.pdf. Acesso em: 04/5/2016.

Materiais didáticos acessíveis: mapas táteis como ferramenta para a inclusão educacional. Publicado no VII Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares. Imaginação e Inovação: desafios para a cartografia escolar. Vitória – ES, 2011.

ROMAGNOLLI, Gloria Suely Eastwood; ROSS, Paulo Ricardo. Inclusão de aluno com Baixa Visão na rede pública de ensino: Orientação para professores. Curitiba, 2008.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de Campos; e SILVA, Myriam Beatriz Campolina, Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Visual SEESP / SEED / MEC – Brasília – 2007.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). A Geografia na Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 2007.